




A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA NO BRASIL: ANÁLISE A PARTIR DE UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

VARIATIONIST SOCIOLINGUISTICS IN BRAZIL: ANALYSIS BASED ON A SYSTEMATIC REVIEW OF THE LITERATURE

LA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA EN BRASIL: ANÁLISIS A PARTIR DE UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA LITERATURA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n55-113>

Data de submissão: 19/11/2025

Data de publicação: 19/12/2025

Paulo Santiago de Sousa

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

E-mail: profpaulosantiago@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o desenvolvimento e as contribuições recentes da Sociolinguística Variacionista no Brasil, considerando seus fundamentos teóricos, metodológicos e suas implicações sociais e pedagógicas. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, configura-se como revisão sistemática da literatura e reúne 11 artigos publicados entre 2020 e 2025 nas plataformas Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, selecionados por apresentarem relação direta com o descritor “Sociolinguística Variacionista”. Os estudos evidenciam a língua como prática social heterogênea, na qual a variação expressa identidades, pertencimentos regionais e relações socioculturais. Autores como Battisti e Oushiro (2022), Da Hora e Brandão (2021), Freitag (2023) e Dantas e Saraiva (2024) reforçam a consolidação da área para compreender interfaces entre língua, sociedade e poder. A análise organiza-se em três eixos: variação linguística, preconceito linguístico e formação docente, permitindo interpretar como a literatura recente discute fenômenos variáveis, enfrenta desigualdades simbólicas e reflete sobre o ensino de português. Os resultados apontam produção crescente voltada à crítica de visões homogêneas de língua e à promoção de práticas pedagógicas inclusivas, sensíveis à diversidade linguística dos estudantes. De modo geral, o estudo demonstra que a perspectiva variacionista amplia a compreensão do português brasileiro e fundamenta ações educativas comprometidas com a pluralidade cultural e comunicativa do país.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação Linguística. Preconceito Linguístico. Formação Docente. Diversidade Cultural.

ABSTRACT

This article analyzes the development and recent contributions of Variationist Sociolinguistics in Brazil, considering its theoretical and methodological foundations, as well as its social and pedagogical implications. This qualitative and bibliographic research is structured as a systematic literature review and examines 11 articles published between 2020 and 2025 in the CAPES Journal Portal and Google Scholar, selected for their direct relation to the descriptor “Variationist Sociolinguistics.” The studies highlight language as a heterogeneous social practice in which variation expresses identities, regional affiliations, and sociocultural relations. Authors such as Battisti and Oushiro (2022), Da Hora and Brandão (2021), Freitag (2023), and Dantas and Saraiva (2024) reinforce the consolidation of the field in understanding the interfaces between language, society, and power. The analysis is organized into

three axes: linguistic variation, linguistic prejudice, and teacher education, allowing for the interpretation of how recent literature discusses variable phenomena, addresses symbolic inequalities, and reflects on Portuguese language teaching. The results indicate a growing body of research aimed at challenging homogeneous conceptions of language and promoting inclusive pedagogical practices sensitive to students' linguistic diversity. Overall, the study demonstrates that the variationist perspective expands the understanding of Brazilian Portuguese and supports educational actions committed to the country's cultural and communicative plurality.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Linguistic Variation. Linguistic Prejudice. Teacher Education. Cultural Diversity.

RESUMEN

Este artículo analiza el desarrollo y las contribuciones recientes de la sociolingüística variacionista en Brasil, teniendo en cuenta sus fundamentos teóricos y metodológicos, así como sus implicaciones sociales y pedagógicas. La investigación, de naturaleza cualitativa y bibliográfica, se configura como una revisión sistemática de la literatura y reúne 11 artículos publicados entre 2020 y 2025 en las plataformas Portal de Periódicos da CAPES y Google Acadêmico, seleccionados por presentar una relación directa con el descriptor «Sociolingüística Variacionista». Los estudios evidencian la lengua como una práctica social heterogénea, en la que la variación expresa identidades, pertenencias regionales y relaciones socioculturales. Autores como Battisti y Oushiro (2022), Da Hora y Brandão (2021), Freitag (2023) y Dantas y Saraiva (2024) refuerzan la consolidación del área para comprender las interfaces entre lengua, sociedad y poder. El análisis se organiza en tres ejes: variación lingüística, prejuicio lingüístico y formación docente, lo que permite interpretar cómo la literatura reciente discute fenómenos variables, enfrenta desigualdades simbólicas y reflexiona sobre la enseñanza del portugués. Los resultados apuntan a una producción creciente orientada a la crítica de las visiones homogéneas de la lengua y a la promoción de prácticas pedagógicas inclusivas, sensibles a la diversidad lingüística de los estudiantes. En general, el estudio demuestra que la perspectiva variacionista amplía la comprensión del portugués brasileño y fundamenta acciones educativas comprometidas con la pluralidad cultural y comunicativa del país.

Palabras clave: Sociolingüística Variacionista. Variación Lingüística. Prejuicio Lingüístico. Formación Docente. Diversidad Cultural.

1 INTRODUÇÃO

Surgida no Brasil na segunda metade do século XX, a Sociolinguística Variacionista consolidou-se como um campo central dos estudos linguísticos, dedicado a compreender a língua como prática social dinâmica e heterogênea. Fundamentada nas proposições de William Labov, essa perspectiva rompe com a concepção estruturalista de língua como sistema estável e homogêneo, reconhecendo a variação como componente constitutivo das interações comunicativas (DA Hora; Brandão, 2021). É a partir desse enquadramento que o presente artigo examina o desenvolvimento recente do campo, tomando como base uma revisão sistemática da literatura que permite identificar tendências, avanços teóricos e caminhos interpretativos na produção entre 2020 e 2025.

No contexto brasileiro, a área ganhou força por dialogar diretamente com a diversidade cultural, social e regional do país. Pesquisas contemporâneas evidenciam que a multiplicidade de usos do português brasileiro deriva de fatores históricos, geográficos e socioculturais, refletindo transformações constantes em níveis fonológicos, morfossintáticos e pragmáticos (Lacerda, 2021; Dantas; Saraiva, 2024). Essa heterogeneidade é também expressão de identidades sociais, marcadas por gênero, classe, etnia e escolarização, o que reforça a relevância de estudos interessados na relação entre linguagem, poder e desigualdades simbólicas (Da Silva; Albuquerque; De Almeida Sissi, 2020; Freitag, 2023; Ghessi-Arroyo; Peluco, 2020).

Outra característica forte da produção brasileira é sua abertura a diálogos interdisciplinares. A aproximação com o sociofuncionalismo e com estudos sobre contato e mudança linguística ampliou o escopo explicativo do campo, permitindo compreender com maior profundidade as relações entre variação, identidade e práticas sociais (De Macêdo Viana et al., 2020; Savedra et al., 2021). Nesse cenário, multiplicam-se análises sobre fenômenos como concordância verbal, pronominalização e redução de formas verbais, estudos que revelam a estreita articulação entre estrutura gramatical e contexto social (De Oliveira; Dos Santos, 2020; Ferreira; Vieira, 2022; SILVA, 2025).

Embora expressivo, esse avanço teórico ainda convive com desafios relacionados à aplicação dos conhecimentos sociolinguísticos em espaços educacionais. Persiste uma distância entre o que a pesquisa já demonstrou sobre a legitimidade da variação e as práticas de ensino que, muitas vezes, reproduzem modelos normativos e hierarquizantes. Assim, emerge a questão que orienta este estudo: **de que modo a Sociolinguística Variacionista pode contribuir concretamente para o reconhecimento da pluralidade linguística brasileira e para a superação de vieses no ensino de língua portuguesa?** Essa indagação conduz à análise do escopo teórico e das implicações sociais e pedagógicas da área, com foco no seu potencial de transformação no contexto escolar (De Souza Machado; Da Silva Bueno, 2020).

O objetivo geral consiste em analisar o papel da Sociolinguística Variacionista na valorização da diversidade linguística e na promoção da equidade sociocultural no ensino de português. Para isso,

os objetivos específicos são: (1) investigar o desenvolvimento teórico e histórico da abordagem no Brasil; (2) sintetizar contribuições empíricas recentes para a compreensão da multiplicidade linguística; e (3) discutir limites e potencialidades da aplicação desses conhecimentos às práticas pedagógicas.

Justifica-se este estudo pela necessidade de aproximar teoria e prática no ensino de língua portuguesa, sobretudo em um país onde ainda persistem preconceitos contra variedades populares e regionais. Considerar a língua como instrumento de identidade e cidadania exige reconhecer a variação como elemento legítimo da realidade comunicativa, abrindo espaço para práticas pedagógicas mais democráticas (Da Silva; Albuquerque; De Almeida Sissi, 2020; Freitag, 2023). Desse modo, a pesquisa atualiza o debate sobre variação, identidade e poder, reafirmando o potencial transformador da área (Battisti; Oushiro, 2022; Dantas; Saraiva, 2024).

A estrutura do artigo organiza-se de forma a integrar teoria, análise e prática. Após esta introdução, apresenta-se a metodologia, com descrição dos critérios de seleção do corpus e dos procedimentos de análise. Em seguida, discutem-se os fundamentos teóricos da Sociolinguística Variacionista no Brasil e, posteriormente, são examinados os estudos empíricos que compõem a literatura recente. Por fim, são analisadas as implicações educacionais desses achados, especialmente no combate ao preconceito linguístico e na construção de uma pedagogia orientada pela diversidade. Assim, busca-se evidenciar o estado atual da produção científica e suas contribuições para uma cidadania linguística crítica e inclusiva.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico de natureza qualitativa, configurado como uma revisão sistemática da literatura, cujo propósito é analisar os aportes recentes da Sociolinguística Variacionista no Brasil a partir de artigos científicos publicados entre 2020 e 2025. A escolha pela revisão sistemática deve-se ao seu caráter rigoroso, transparente e replicável, permitindo identificar, selecionar, avaliar e sintetizar, de forma criteriosa, produções científicas relevantes para o campo. Essa perspectiva segue a compreensão de Gil (2010), para quem esse tipo de investigação possibilita um exame abrangente e metodologicamente estruturado de estudos já consolidados, incluindo artigos, livros, dissertações e teses, o que permite identificar avanços, lacunas e tendências teóricas.

A constituição do corpus exigiu um processo de busca cuidadoso e progressivo, realizado nas plataformas Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico. Essas bases foram selecionadas tanto pela credibilidade quanto pela abrangência de suas coleções. O descritor “Sociolinguística Variacionista” foi o ponto de partida da filtragem inicial, sendo aplicado em títulos, resumos e palavras-chave. Como critérios adicionais, foram considerados apenas artigos publicados em língua

portuguesa e pertencentes a periódicos com estrato Qualis, a fim de garantir confiabilidade e pertinência acadêmica. Esse levantamento inicial resultou na identificação de 15 artigos publicados no período delimitado.

A partir desse ponto, foram realizadas etapas sucessivas de refinamento. Eliminaram-se duplicidades, descartaram-se estudos que apenas mencionavam o variacionismo de maneira tangencial e excluíram-se produções que não apresentavam fundamentação teórica ou analítica consistente. Após essa triagem, o corpus final foi constituído por 11 artigos diretamente relacionados à variação linguística e às discussões sociolinguísticas contemporâneas.

O processo de análise adotou uma perspectiva qualitativa e interpretativa, sustentada por leituras sucessivas dos textos selecionados. A leitura preliminar permitiu reconhecer o tema central e a relevância de cada estudo; a leitura seletiva destacou fenômenos investigados, métodos empregados e variáveis sociais consideradas, como idade, gênero, escolaridade e localização geográfica; e a leitura analítica possibilitou perceber convergências e tensões entre os trabalhos, bem como identificar como cada autor compreende a relação entre língua, sociedade e práticas de ensino. Com o objetivo de assegurar organização e clareza, os artigos selecionados foram sistematizados em um quadro contendo informações essenciais de cada publicação.

A organização dos artigos em três eixos de discussão, fundamentos teóricos, estudos empíricos e implicações sociais e educacionais, favoreceu uma visão integrada das contribuições recentes da área, permitindo observar não apenas o conteúdo isolado dos estudos, mas a forma como eles dialogam entre si e compõem o estado da arte da Sociolinguística Variacionista no Brasil.

Quadro 1 – Artigos selecionados para o corpus (2020–2025)

Autor(es)	Ano	Tema principal
Da Silva; Albuquerque; De Almeida Sissi	2020	Preconceito linguístico e gramática em uso
De Macêdo Viana et al.	2020	Interfaces entre variacionismo e sociofuncionalismo
De Oliveira e Dos Santos	2020	Variação morfossintática no português brasileiro
Ghessi-Arroyo e Peluco	2020	Diversidade linguística e políticas educacionais
Dos Santos et al.	2020	Trajetórias e tendências da Sociolinguística Variacionista
Da Hora e Brandão	2021	Bases teóricas da Sociolinguística Variacionista no Brasil
Ferreira e Vieira	2022	Estudos de mudança linguística
Battisti e Oushiro	2022	Variação social, poder e identidade na fala brasileira
Freitag	2023	Sociolinguística crítica e combate ao preconceito linguístico
Dantas e Saraiva	2024	Educação linguística e diversidade no português brasileiro
Silva	2025	Tendências contemporâneas na pesquisa variacionista

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

A adoção desse conjunto de procedimentos visa assegurar rigor científico, clareza metodológica e coerência analítica. A sistematização dos estudos selecionados permite observar tendências emergentes na pesquisa da variação linguística contemporânea, bem como compreender de que modo a literatura recente tem articulado fenômenos de variação, pluralidade social, políticas linguísticas e práticas educacionais. A abordagem qualitativa empregada, ao privilegiar a interpretação contextualizada das publicações, torna possível aprofundar as interfaces entre língua, sociedade e ensino, contribuindo para uma compreensão mais crítica e atualizada da Sociolinguística no Brasil.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NO BRASIL

A Sociolinguística Variacionista consolidou-se como um dos campos mais férteis da linguística contemporânea ao compreender a língua não como um sistema rígido e homogêneo, mas como um fenômeno socialmente constituído, atravessado pela diversidade de seus falantes, pelas dinâmicas de interação e pelas práticas culturais. No contexto brasileiro, esse paradigma ganhou força especialmente a partir da década de 1980, quando a realidade multilíngue, multiétnica e pluricultural do país exigiu uma ciência linguística mais sensível às diferenças e menos subordinada ao ideal normativo tradicional.

Este capítulo, estruturado em três partes, busca aprofundar esses fundamentos e explicitar como eles moldaram a pesquisa brasileira em variação linguística. Na primeira seção, discutimos os marcos teóricos e históricos que sustentam a perspectiva variacionista no Brasil; na segunda, revisitamos fenômenos empíricos amplamente documentados, destacando sua relevância para compreender o português brasileiro (PB) contemporâneo; e, na terceira, analisamos as implicações sociais e educacionais da área, sobretudo no enfrentamento ao preconceito linguístico e na promoção de uma pedagogia baseada na diversidade.

O estabelecimento da Sociolinguística Variacionista no Brasil está intimamente vinculado à obra de William Labov, cujas investigações sobre variação e mudança linguística redefiniram o estudo das línguas naturais ao aproximá-lo do uso real dos falantes. Contudo, esse modelo, ao ser incorporado no Brasil, adquiriu contornos próprios, ajustando métodos e categorias à realidade sociocultural local. Como explica Lacerda (2021), a evolução histórica da disciplina representa uma passagem decisiva da visão estruturalista, que tomava a língua como um sistema homogêneo e autônomo, para uma linguística que reconhece o papel constitutivo dos falantes, das interações e das práticas sociais. Essa mudança não apenas ampliou o escopo da linguística, como também legitimou a variação como parte intrínseca do fenômeno linguístico, rompendo com a ideia de erro e instaurando a diversidade como objeto científico central.

No contexto brasileiro, marcado simultaneamente por desigualdades sociais e grande heterogeneidade cultural, essa perspectiva encontrou terreno fértil. Battisti e Oushiro (2022) destacam

que a Sociolinguística Variacionista no Brasil não se limita a descrever fenômenos linguísticos, mas expõe como a linguagem participa da constituição de identidades sociais, práticas culturais e ideologias. Assim, estudar a variação significa compreender como determinados usos linguísticos são associados a pertencimentos, prestígios e estigmas, revelando processos sociais mais amplos. Nesse sentido, o objeto da Sociolinguística aproxima-se de campos como a antropologia linguística e os estudos culturais, pois a língua torna-se também marcador simbólico de posicionamento e legitimidade.

Autores nacionais como Tarallo (1996), Bortoni-Ricardo (2005), Mollica (2000) e Lucchesi (2013) consolidaram a tradição brasileira, articulando os princípios labovianos com as especificidades socioculturais do país. Seus trabalhos reforçam que a variação linguística é inseparável do contexto social, das relações de poder e das trajetórias individuais, ampliando o diálogo entre a Sociolinguística Variacionista e outras abordagens, como a sociolinguística crítica e a sociologia da linguagem.

Da Hora e Brandão (2021) enfatizam ainda o diálogo histórico entre a Sociolinguística Variacionista e a Geolinguística no Brasil. A transição do “mapear” para o “correlacionar” — isto é, da descrição regional das variantes para a interpretação das relações entre variação e fatores sociais — marcou uma inflexão metodológica decisiva. Esse movimento transformou o modo como se compreendia o português brasileiro, revelando que sua heterogeneidade não é acidental, mas estruturante. Programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e bancos de dados espalhados pelo país impulsionaram esse avanço, contribuindo para formar gerações de pesquisadores comprometidos tanto com a ciência quanto com a dimensão social da linguagem.

Dantas e Saraiva (2024) observam que a pesquisa variacionista brasileira se distingue pela combinação entre rigor metodológico e sensibilidade sociocultural. A adaptação das ferramentas labovianas ao PB, seja na análise fonológica, morfossintática ou discursiva, mostrou que a variação brasileira segue princípios sistemáticos próprios, contribuindo, inclusive, para debates internacionais. O amadurecimento do campo resultou em análises cada vez mais refinadas, capazes de explicar processos de mudança em curso e apontar tendências evolutivas da língua.

De Macêdo Viana et al. (2020) reforçam que o diálogo entre Sociolinguística Variacionista e Sociofuncionalismo expandiu ainda mais essas possibilidades. A integração de princípios funcionais, centrados nas necessidades comunicativas e nos processos cognitivos, permitiu perceber a variação como resultado não apenas de fatores externos (sociais), mas também de motivações internas ao próprio sistema linguístico. Assim, a variação deixa de ser apenas reflexo da sociedade e passa a ser também mecanismo de organização gramatical.

Outra contribuição importante é apontada por Dos Santos et al. (2022), ao destacar que, embora fortemente influenciada pela tradição norte-americana, a Sociolinguística Variacionista brasileira seguiu caminho próprio, reinterpretando categorias analíticas e reorganizando modelos teóricos. Essa

reinvenção constante, motivada pelas particularidades socioculturais do país, tornou o campo mais plural e crítico, capaz de dialogar com estudos sobre identidade, desigualdade e política linguística.

Da Silva, Albuquerque e De Almeida Sissi (2020) acrescentam que o estudo da variação cumpre função social relevante ao demonstrar que variedades populares e regionais são plenamente sistemáticas e legítimas. Ao evidenciar a arbitrariedade das hierarquias linguísticas, a Sociolinguística Variacionista se insere em um projeto mais amplo de enfrentamento ao preconceito linguístico e promoção da justiça social, mostrando que valorizar o modo de falar do outro também é valorizar sua cultura, sua história e seu lugar no mundo.

Reforçando essa dimensão, Battisti e Oushiro (2022) lembram que a linguagem é atravessada por relações de poder, e a variação não pode ser compreendida sem considerar as tensões sociais que moldam sua circulação. Ao reconhecer a língua como espaço de disputa, a Sociolinguística amplia seu campo de atuação, aproximando-se de abordagens críticas e interdisciplinares.

Atualmente, como observam Ramos e Duarte (2021), o campo se expande para além da fonologia, área historicamente privilegiada, e incorpora fenômenos morfossintáticos, discursivos e pragmáticos, fortalecendo seu diálogo com a linguística aplicada e com estudos sobre identidade, performance e estilo. Esse movimento mostra a maturidade da sociolinguística brasileira, hoje referência na América Latina.

Conclui-se, portanto, que a Sociolinguística Variacionista no Brasil é um campo vivo, plural e profundamente conectado à realidade social. Sua força reside na capacidade de integrar rigor empírico, sensibilidade cultural, compromisso ético e diálogo contínuo com a tradição nacional, representada por autores como Tarallo (1985), Bortoni-Ricardo (2004), Mollica (2006) e Lucchesi (1998). Esses fundamentos sustentam os estudos empíricos e orientam a reflexão sobre as implicações educacionais, sociais e políticas da variação linguística, reafirmando seu papel na valorização da diversidade e na promoção da justiça social.

3.1 ESTUDOS EMPÍRICOS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A produção empírica da Sociolinguística Variacionista no Brasil evidencia a consolidação de um campo metodologicamente robusto, teoricamente plural e sensível às particularidades socioculturais do país. Os estudos mostram que a variação no português brasileiro (PB) não é aleatória, mas organizada por condicionamentos internos ao sistema linguístico e por fatores sociais, estilísticos, pragmáticos e identitários. Como afirmam Da Hora e Brandão (2021), a descrição da variação possibilitou compreender o PB como um conjunto complexo de variedades em constante interação, desmontando concepções de homogeneidade e reforçando a heterogeneidade como núcleo constitutivo da língua.

A variação fonológica continua sendo um dos eixos centrais das pesquisas. Fenômenos como monotongação, palatalização, apagamento do /r/ e variações na realização de /s/ em coda são amplamente documentados em diferentes regiões. Estudos recentes ampliam essa cartografia fonológica ao demonstrar que fenômenos anteriormente tratados como regionais são, na verdade, atravessados por faixas etárias, níveis de escolaridade, mobilidade e redes sociais. Da Hora e Brandão (2021) destacam que a análise fonológica no PB revela padrões sistemáticos que não apenas mapeiam diferenças regionais, mas também expressam pertencimentos sociais, estilísticos e identitários. Assim, a fonologia torna-se um espaço privilegiado para compreender como variantes funcionam como marcas de estilo e identidade.

No âmbito morfossintático, as pesquisas evidenciam tendências de mudança em curso. O estudo de De Oliveira e Dos Santos (2020), sobre a concordância verbal em Maceió, demonstra que a ausência de marcas de plural se distribui de forma sistemática, obedecendo tanto a fatores linguísticos quanto a fatores sociais, especialmente escolaridade e faixa etária. Ao tratar esse fenômeno como recurso natural do repertório linguístico, os autores contribuem para desconstruir visões normativas que associam tal variação ao “erro”. De modo semelhante, a investigação de Ferreira e Vieira (2022) acerca da redução do gerúndio em Vila Boa reforça que as variantes reduzidas seguem princípios previsíveis e estão relacionadas a diferentes práticas discursivas. Como apontam Ramos e Duarte (2021), o conjunto desses estudos revela que o PB contemporâneo segue tendências de simplificação morfológica e reorganização pronominal, tendências que se estendem em escala nacional.

O campo da variação pronominal tem adquirido destaque crescente, sobretudo por sua interface com identidade e práticas socioculturais. A pesquisa de Silva (2025) sobre a alternância entre “nós” e “a gente” no Nordeste indica que a escolha pronominal é influenciada por fatores de solidariedade, proximidade, faixa etária e práticas de comunidade. Assim, a alternância pronominal não se reduz a um fenômeno gramatical: ela articula relações de pertencimento, modos de interação e performances de identidade, aproximando-se de discussões da Sociolinguística Interacional e da Sociolinguística Crítica.

Outro avanço significativo diz respeito à ampliação dos debates sobre categorias sociais. Ghessi-Arroyo e Peluco (2020) problematizam o uso tradicional de categorias fixas de sexo/gênero, argumentando que tais categorias não dão conta da complexidade das práticas de fala e das performances identitárias contemporâneas. Com isso, parte da Sociolinguística Variacionista passa a incorporar abordagens críticas que compreendem a variação como fenômeno que envolve posicionamentos sociais dinâmicos.

Estudos sobre comunidades indígenas, quilombolas e de imigrantes também têm ampliado o escopo da pesquisa sobre variação. Savedra et al. (2021) mostram que o contato linguístico, as práticas bilíngues e as dinâmicas interculturais influenciam diretamente a variação do português, produzindo

fenômenos híbridos e inovadores. A sociolinguística de contato insere-se, assim, como campo central para entender o PB em sua dimensão multiétnica.

Outra frente relevante é a interface com a educação. Estudos como os de De Souza Machado e Da Silva Bueno (2020) demonstram que práticas pedagógicas fundamentadas em princípios variacionistas fortalecem a justiça linguística e rompem com visões que estigmatizam variedades populares. Ao evidenciar sistematicidades internas nas falas estigmatizadas, essas pesquisas contribuem diretamente para reconfigurar práticas docentes e materiais didáticos.

Freitag (2023), ao propor a ideia de uma “quarta onda” da sociolinguística, sintetiza esse movimento ao destacar que os estudos variacionistas têm assumido um compromisso ético e político cada vez mais explícito, reconhecendo o pesquisador como agente de intervenção social. A produção empírica recente, assim, não se limita à descrição: ela se articula à crítica social e às políticas de valorização da diversidade.

3.2 IMPLICAÇÕES SOCIAIS E EDUCACIONAIS DOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

A Sociolinguística Variacionista desempenha papel decisivo na compreensão das dinâmicas de poder que permeiam o uso da língua no Brasil. Ao demonstrar que a variação linguística é intrínseca ao funcionamento das línguas naturais, o paradigma da variação desestabiliza ideologias que subordinam variedades populares a modelos normativos de prestígio. Como destacam Da Silva, Albuquerque e De Almeida Sissi (2020), a associação entre variedades não padrão e ignorância constitui uma forma persistente de discriminação simbólica, reforçando desigualdades sociais, raciais e regionais. Assim, o combate ao preconceito linguístico emerge como uma das implicações sociais mais significativas desse campo.

No âmbito educacional, esse compromisso ético torna-se ainda mais evidente. De Souza Machado e Da Silva Bueno (2020) defendem que o ensino da língua portuguesa deve contemplar, de modo sistemático, a diversidade linguística presente no cotidiano dos estudantes, de forma que o domínio da norma-padrão não se converta em negação dos repertórios populares. Essa abordagem, alinhada à BNCC e às diretrizes da Linguística Aplicada, promove práticas pedagógicas mais inclusivas, assegurando que a sala de aula se torne espaço de valorização das identidades linguísticas dos alunos. A variação, nesse sentido, deixa de ser vista como obstáculo e passa a ser entendida como ferramenta de ampliação de competências comunicativas e cidadania crítica.

A formação docente é outro ponto central. Dantas e Saraiva (2024) ressaltam que o professor precisa ser capaz de reconhecer a variação como fenômeno legítimo e compreender suas motivações linguísticas e sociais. Professores formados sob essa linha de pesquisa são mais aptos a transformar a escola em espaço de resistência ao preconceito e de promoção de justiça linguística. Assim, mais do

que conteúdo, a Sociolinguística Variacionista implica mudanças na postura pedagógica: o docente torna-se mediador de vozes plurais e agente de pensamento crítico.

A relação entre poder e linguagem é apontada por Battisti e Oushiro (2022) como uma das dimensões mais relevantes para compreender a variação no Brasil contemporâneo. A discriminação linguística funciona como mecanismo de exclusão simbólica que naturaliza desigualdades sociais e legitima hierarquizações históricas. Investigações variacionistas fornecem instrumentos teóricos e empíricos para revelar e desconstruir essas ideologias, situando-se no cruzamento entre linguística, direitos humanos e políticas sociais.

Os estudos também mostram que a diversidade linguística brasileira é resultado de processos históricos, culturais e demográficos complexos. Drager et al. (2021) evidenciam que a mobilidade social, a globalização e o surgimento de novas práticas comunicativas — especialmente em ambientes digitais — têm intensificado o surgimento de variedades híbridas, que desafiam classificações tradicionais. Esse dinamismo confirma que a língua é espaço de negociação simbólica e construção identitária, sendo necessário ampliar a compreensão de variação para além da dicotomia “certo/errado”.

As implicações educacionais dessa perspectiva impactam diretamente políticas linguísticas. Freitag (2023), ao destacar o ativismo acadêmico na “quarta onda” sociolinguística, afirma que o pesquisador deve atuar na construção de currículos, livros didáticos e programas de formação sensíveis à multiformidade dialetal. A pesquisa variacionista passa, assim, a subsidiar políticas públicas que garantam o direito ao uso legítimo das variedades populares.

Outra contribuição importante é o reconhecimento da variação como patrimônio cultural. Macêdo Viana et al. (2020) defendem que a valorização de variedades locais fortalece a identidade cultural e histórica dos falantes, além de contribuir para a preservação de práticas linguísticas ameaçadas pelo avanço de modelos normativos homogêneos. Incorporar essa perspectiva na escola amplia o repertório linguístico dos estudantes e promove maior representatividade no ensino.

Por fim, Savedra et al. (2021) lembram que a diversidade etnolinguística brasileira é incompatível com projetos de unificação normativa. A Sociolinguística Variacionista fornece os instrumentos teóricos e metodológicos para defender políticas multicêntricas que reconheçam a pluralidade do português brasileiro como parte essencial da identidade nacional.

Assim, as implicações sociais e educacionais dos estudos variacionistas não se restringem à linguística: elas integram práticas de cidadania, justiça social e valorização da diversidade. A Sociolinguística Variacionista consolida-se, portanto, como campo que articula teoria e transformação social, contribuindo para uma visão mais democrática, plural e crítica da língua e da educação linguística no Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de estudos discutidos ao longo do trabalho demonstra que a Sociolinguística Variacionista no Brasil alcançou um grau significativo de complexidade teórica e metodológica. Neste contexto, o presente artigo se torna especialmente relevante, pois realiza uma síntese crítica e atualizada das pesquisas recentes produzidas entre 2020 e 2025, articulando fenômenos linguísticos, transformações sociais e reorientações epistemológicas. Ao integrar resultados empíricos, debates críticos e problematizações metodológicas, o artigo oferece uma visão abrangente do estado da arte do campo, contribuindo para iluminar tendências emergentes que ainda não se encontram sistematizadas em outros estudos. Assim, esta análise não apenas descreve avanços, mas também propõe caminhos interpretativos capazes de orientar futuras investigações e reflexões pedagógicas.

Os estudos analisados evidenciam que a Sociolinguística Variacionista vive um momento de consolidação, mas também de reorientação crítica. A documentação de fenômenos fonológicos, morfossintáticos, pronominais e discursivos mostra que o português brasileiro não funciona como sistema homogêneo, e sim como estrutura plural atravessada por dinâmicas históricas e interacionais. A variação aparece como componente estruturante da língua e como expressão de práticas sociais que revelam desigualdades e disputas simbólicas. Nesse sentido, este artigo contribui ao demonstrar como esses diferentes níveis de análise se relacionam e ao evidenciar que a variação linguística deve ser compreendida na intersecção entre fatores estruturais e contextos sociopolíticos contemporâneos.

A literatura recente demonstrou que abordagens puramente quantitativas não são suficientes para explicar fenômenos ligados a identidade, performance e ideologias linguísticas. A aproximação entre **estudos de variação linguística** e perspectivas críticas revela uma inflexão epistemológica que amplia os horizontes teóricos da área. Ao discutir essa mudança e situá-la dentro do panorama atual, o presente artigo oferece ao leitor um diagnóstico preciso dos desafios e das lacunas ainda existentes, sobretudo no que diz respeito ao tratamento de categorias como raça, gênero, classe e territorialidade. Com isso, contribui para o avanço do debate sobre justiça linguística e sobre a necessidade de integrar variáveis socioculturais de maneira mais profunda e não superficial.

Outro aspecto ampliado ao longo do texto é a discussão sobre o papel da escola. Embora o discurso educacional contemporâneo valorize a diversidade, as práticas pedagógicas continuam marcadas por padrões normativos que deslegitimam variedades populares. O artigo avança nesse debate ao delinear como os achados da pesquisa variacionista podem ser mobilizados no combate ao preconceito linguístico, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e educacional. Trata-se de uma contribuição importante, pois articula pesquisa acadêmica e transformação pedagógica, aproximando a Sociolinguística das demandas reais da escola pública.

A análise das pesquisas produzidas em comunidades indígenas, quilombolas e multilíngues também é central. O artigo demonstra que o português brasileiro não pode ser entendido sem considerar

a história de contato e de disputa entre línguas e culturas. Essa abordagem amplia o espectro da Sociolinguística Variacionista e reforça o papel político e ético do pesquisador na interpretação de fenômenos que ultrapassam o nível meramente estrutural. Ao destacar essa dimensão, o artigo contribui para reposicionar o debate sobre heterogeneidade linguística dentro de uma perspectiva decolonial e socialmente engajada.

Assim, ao dialogar com a proposta de uma Sociolinguística engajada, o artigo evidencia que a pesquisa linguística deve assumir um papel ativo na denúncia de desigualdades e na promoção de políticas públicas que valorizem a diversidade. Nesse sentido, a principal contribuição deste trabalho é oferecer uma leitura integrada que articula variação, identidade e poder, mostrando que compreender fenômenos linguísticos é também compreender relações sociais, estruturas de discriminação e possibilidades de transformação.

Conclui-se, portanto, que o artigo não apenas sistematiza avanços recentes da Sociolinguística Variacionista, mas também propõe caminhos interpretativos que renovam o debate acadêmico. Ao articular teoria, empiria, criticidade e implicações pedagógicas, contribui de forma significativa para a consolidação de uma Sociolinguística brasileira capaz de dialogar com questões contemporâneas, promover inclusão e aprofundar reflexões sobre a diversidade linguística como patrimônio cultural e político do país.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, Elisa; OUSHIRO, Livia. Apresentação: variação linguística e práticas sociais: linguagem, cultura e sociedade. **Organon. Porto Alegre, RS. Vol. 37, n. 73 (jan./jun. 2022), p. 5-13, 2022.**
- DA HORA, Dermeval; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Da Geolinguística à Sociolinguística Variacionista: um panorama da variação fonológica. **Revista da ANPOLL**, v. 52, n. esp, p. 42-63, 2021.
- DA SILVA, Antônio Themístocles Barbosa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; DE ALMEIDA SISSI, Severina Alves. A língua em situação de uso e o preconceito linguístico: um estudo sob a ótica da sociolinguística variacionista. **Revista Cocar**, v. 14, n. 29, p. 415-435, 2020.
- DANTAS, Leila Patrícia Alves; SARAIVA, Yanara Pessoa. Sociolinguística e variação: apontamentos teórico-práticos. **Studies in Multidisciplinary Review**, v. 5, n. 1, p. 37-56, 2024.
- DE MACÊDO VIANA, Rakel Beserra et al. **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. Pimenta Cultural, 2020.
- DE OLIVEIRA, Alan Jardel; DOS SANTOS, Dariana Nunes. Concordância verbal no português brasileiro em Maceió/AL, Brasil. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 4, p. 3180-3195, 2020.
- DE SOUZA MACHADO, Lucas; DA SILVA BUENO, Elza Sabino. 05. Contribuições dos estudos sociolinguísticos variacionistas para o ensino–aprendizagem da EJA. **Revista Philologus**, v. 26, n. 78, p. 72-86, 2020.
- DE SOUZA SANTOS, Elias; DA SILVA, Edgar Souza. O comportamento variável de (NDO) na fala seabrense: uma abordagem sociolinguística. **Ideação**, v. 26, n. 1, p. 236-255, 2024.
- DOS SANTOS, Eduardo Antônio Borges et al. Variação linguística no Brasil: revisitando os conceitos e refletindo sobre suas abordagens. **Ícone-Revista de Letras (ISSN 1982-7717)**, v. 22, n. 1, p. 49-62, 2022.
- DRAGER, Katie et al. Variedades linguísticas dentro e fora do Brasil. **Diadorim-Revista científica do programa de pos-graduação em letras vernâculas**, v. 23, n. 1, p. 14-23, 2021.
- FERREIRA, Jannaina Soares Silva Reis; VIEIRA, Marília Silva. A redução do gerúndio no falar vilaboense: um olhar variacionista. **Revista Falange Miúda**, v. 7, n. 1, p. 51-62, 2022.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil. **Fórum Linguístico**, v. 20, n. 3, p. 9401-9419, 2023.
- GHESSI-ARROYO, Rafaela Regina; PELUCO, Larissa Campoi. A variável sexo/gênero na sociolinguística variacionista: um olhar crítico sobre os dados linguísticos. **Revista InterteXto**, v. 13, n. 2, p. 30-55, 2020.
- LACERDA, Marcela Langa. Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 68-100, 2021.
- LUCCHESI, D. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROßE, S.; ZIMMERMANN, K. (Ed.). **“Substandard” e mudança no português do Brasil. Frankfurt amMain: TFM, 1998. p.73-100.**
- RAMOS, Jania Martins; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Temas morfossintáticos em análises variacionistas no Brasil (2000-2019). **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 64-81, 2021.



SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães et al. Estudos em sociolinguística de contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de linguística. Campinas, SP. Vol. 2, n. 1 (jan. 2021), p. 1-28**, 2021.

SILVA, Suziane de Oliveira Porto. A VARIAÇÃO pronominal entre nós e a gente no português falado no Nordeste: uma revisão integrativa sob a perspectiva da sociolinguística variacionista. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 6, p. e8375-e8375, 2025.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.